

A cidade como a grande personagem no romance *Mariana* (1932)
The city as the great character in the novel Mariana (1932)

Tatiana Mol Gonçalves

Universidade Federal de Ouro Preto

<https://orcid.org/0000-0003-0591-1404>

tatimolg@gmail.com

RESUMO: O romance *Mariana* apresenta em seu enredo um momento singular da memória da cidade mineira que dá título ao livro. Seu autor é Augusto de Lima Júnior, escritor que desenvolveu uma considerável produção intelectual sobre Minas Gerais no decorrer do século XX. Sua obra literária, contudo, que muito versa sobre algumas memórias e paisagens mineiras, é atualmente pouco conhecida e carece de estudos. Neste artigo, a partir do conceito de “lugares de memória” de Pierre Nora (1993), busca-se apresentar como a dimensão da memória se configura em *Mariana*. E, por meio das categorias narrativas de núcleo e catálise (BARTHES, 2001), propõe-se discutir como o autor parece invertê-las no romance, ao apresentar uma minuciosa descrição da cidade em detrimento da trama central, o que parece ser uma estratégia empreendida para revelar a grande personagem do romance: a própria cidade, suas paisagens, costumes e memórias.

PALAVRAS-CHAVE: História e ficção; romance memorialístico; lugares de memória; *Mariana*; Augusto de Lima Júnior.

ABSTRACT: *The novel Mariana presents a singular moment of the memory of the city that gives title to the book. The author, Augusto de Lima Júnior, developed a considerable amount of intellectual production concerning the Brazilian state of Minas Gerais along the 20th century. However, his literary work, which deals in great account with the memories and landscapes from Minas Gerais, is currently little known and lacks studies. From the Pierre Nora's concept of "places of memory" (1993), it is aimed to show, in this paper, how the dimension of memory is configures in "Mariana". And, through the narrative categories of "nucleus" and "catalysis" (BARTHES, 2001), it is proposed a discussion on how the author seems to invert them in the novel, while presenting a rigorous description of the city regardless of the central plot, which appears to be an strategy to reveal the great character of the novel: the city itself, its landscapes, customs and memories.*

KEYWORDS: *History and fiction, memorialistic novel; places of memory; Mariana; Augusto de Lima Júnior.*

1. Introdução

Publicado no ano de 1932, o romance *Mariana* apresenta em seu enredo um momento singular da memória e da história da cidade mineira que dá título ao livro: a morte de um bispo da igreja católica, a chegada de um novo prelado na cidade e alguns desdobramentos que esse evento suscitou no cotidiano de parte de sua população. A religiosidade católica tem forte presença e marca não apenas a paisagem da interiorana e

histórica cidade de Mariana – como é possível constatar ainda hoje, ao se lançar o olhar sobre suas imponentes edificações religiosas setecentistas e outras mais recentes – mas também está atrelada à própria história e memória local, caso se considere, por exemplo, que Mariana, então Vila do Carmo, tornou-se a primeira cidade de Minas ainda no século XVIII, justamente com a finalidade de sediar o primeiro bispado em terras mineiras.¹⁰ A narrativa apresentada na obra se passa 10 anos antes de sua publicação, em 1922, e contém vários elementos que podem ser discutidos em suas páginas no que tange aos estudos sobre a representação da memória na escrita literária.

Seu autor é Augusto de Lima Júnior, um escritor, jurista, historiador e jornalista cujo nome figura com destaque no meio intelectual mineiro no século XX e cujas obras são ainda hoje referências em estudos históricos sobre Minas. Sua produção é ampla, tendo publicado mais de 30 obras dentro dos gêneros historiográfico e literário, a maior parte delas versando sobre Minas Gerais.¹¹ O escritor manteve também uma profícua produção de artigos para jornais cariocas e mineiros (FERREIRA, 2017, p. 45), além de ser um dos fundadores da *Revista de História e Artes* (1963), ser membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, da Academia Mineira de Letras e de instituições congêneres no Brasil e em Portugal. Lima Júnior foi ainda responsável por algumas práticas simbólicas relacionadas à construção da memória de Minas e da identidade brasileira, como a negociação do traslado ao Brasil dos restos mortais dos Inconfidentes de 1789 exumados em África, a escrita do projeto que elevou a cidade de Ouro Preto a monumento nacional e a idealização da entrega da *Medalha da Inconfidência* (FERREIRA, 2017, p. 12).

Embora tenham repercutido no contexto em que foram escritas, algumas obras de Lima Júnior – e aqui interessa mais de perto seus livros literários, que muito versam sobre algumas memórias e paisagens mineiras – caíram em esquecimento ao longo do tempo. É o caso do romance *Mariana*, que eternizou várias memórias da primeira cidade de

¹⁰ Sobre a relação direta entre a criação do bispado e a fundação da cidade, a historiadora Cláudia Damasceno Fonseca (1998, p. 40) esclarece que, em 1745, concretizou-se a criação do bispado e, no mesmo ano, a vila foi elevada à categoria de cidade, já que, segundo as leis da Igreja, somente terras livres poderiam manter sedes eclesíásticas, o que pressupunha a emancipação do município neste caso.

¹¹ Algumas de suas obras tiveram várias edições, como é o caso do livro de estudos históricos intitulado *A Capitania das Minas Gerais: suas origens e formação*, que teve quatro edições entre 1940 e 1978; ou ainda seu romance histórico *O amor infeliz de Marília e Dirceu*, com cinco tiragens entre 1936 e 1998 (LIMA JÚNIOR, 2008, p. 315-317).

Minas, chegou a ser publicado em duas edições e recebeu notas críticas da imprensa à época, mas foi apagado ao longo do tempo. A narrativa ficcional de Lima Júnior carece ainda de estudos, e, neste artigo, busca-se revisitar criticamente seu romance *Mariana*, a fim de contribuir no âmbito das discussões sobre a literatura produzida em Minas e sobre essa espacialidade na primeira metade do século XX.

A partir do conceito de “lugares de memória” de Pierre Nora (1993), propõe-se apresentar como a dimensão da memória se configura em *Mariana*. Além disso, com base categorias narrativas de *núcleo* e *catálise* (BARTHES, 2001), busca-se discutir como o autor parece invertê-las na obra, ao apresentar uma minuciosa descrição da cidade em detrimento da trama central, o que parece ser uma estratégia empreendida para revelar a grande personagem do romance: a própria cidade, suas paisagens, costumes e memórias. Na sequência será abordado como as memórias do autor em seus cenários de infância se relacionam com as narrativas criadas por ele sobre Minas.

2. Memórias do autor e da terra mineira

Filho do político e também escritor Antônio Augusto de Lima e de Vera Monteiro de Barros Suckow de Lima, Augusto de Lima Júnior nasceu em fins do século XIX, no ano de 1889, na cidade mineira de Leopoldina e passou a maior parte da infância na cidade de Ouro Preto. Graduiu-se em Belo Horizonte, na Faculdade de Direito de Minas Gerais, aos 21 anos e, em 1911, foi morar com sua família no Rio de Janeiro, onde posteriormente se casou e fez carreira jurídica nas forças armadas. Contudo, no ano de 1929, retornou a Minas para tratar de sua saúde e passou a morar temporariamente em Cachoeira do Campo¹² antes de um retorno definitivo ao Rio, fato que exige aqui um olhar mais atento, pois segundo Luís Augusto de Lima, no texto introdutório escrito por ele na recente reedição do livro de Lima Júnior, *História de Nossa Senhora* (2008), a reaproximação deste com o território mineiro trouxe implicações decisivas em sua trajetória enquanto escritor:

Esse novo contato direto com os cenários da sua infância e do passado de sua terra deixou marcas profundas no seu caráter ufanista no que se refere à História de Minas Gerais. A partir de 1930, paralelamente às suas atividades de procurador no Tribunal Marítimo, cargo em que se aposenta em 1944, passa

¹² Distrito da cidade de Ouro Preto-MG onde o autor estudou quando criança, em regime de internato.

a publicar, no Rio de Janeiro, livros de poesia e romances ambientados nas velhas cidades mineiras que ele tanto conhecia. Dessa época em diante esteve sempre comprometido com a pesquisa histórica e tomava parte ativa no processo de valorização e preservação dos antigos sítios históricos mineiros (Apud LIMA JÚNIOR, 2008, p. 17 e 18).

O fragmento revela uma doença que implica retorno às paisagens da infância. Um corpo, portanto, atravessado por memórias. Revisitadas, recordadas, (re)criadas. E a necessidade de se escrever o vivido. Ou a necessidade de se escrever a lembrança, este acontecimento sem limites a que se refere Walter Benjamin em *A imagem de Proust*, pois, diria ele, “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1994, p.37).

A conjuntura permeada por memórias – memórias do autor articuladas com as da terra mineira – parece ter contribuído para que Lima Júnior se tornasse um escritor. Uma considerável produção bibliográfica foi lançada por ele a partir de 1929, após esse retorno mais demorado à região: poesias, crônicas, lendas, contos, romances e estudos históricos que abrangeram vários temas sobre Minas. Quanto a suas obras literárias, é possível perceber constantes evocações às suas memórias pessoais nos cenários de sua terra, como se pode observar nos dois primeiros parágrafos da crônica intitulada “Recordações”:

Quando vem o Natal, fico a relembrar tempos distantes, vividos naquelas serranias de Vila Rica, diante do majestoso cenário de montes e penhascos sôbre os quais nossos antepassados firmaram enormes igrejas de pedra, cheias de Santos semi-escondidos nos penumbrados nichos retábulos. / Ficam a cantar em minha memória, todos aqueles veneráveis sinos de bronze que batiam dia e noite pelos vivos e pelos mortos. E eu considero como somos felizes, nós que possuímos lembrança e apêgo às coisas simples e puras que nos deliciaram os primeiros anos de existência. Elas surgem na tarde da vida e nos ferem o coração com saudades. Mas essa recordação que nos punge, enche também de doces ecos os recantos de nossa alma desiludida (LIMA JÚNIOR, 1965, p. 49).

De acordo com Sheila Dias Maciel, em seu artigo “Sobre a tradição da escrita de *memórias* no Brasil”, as memórias são “uma forma narrativa literária que promove um retorno temporal por parte do eu-narrador com intuito de evocar pessoas e acontecimentos que sejam representativos para um momento posterior, do qual este eu-narrador escreve” (MACIEL, 2013, p. 551). Segundo a autora, o gênero se apresenta a partir de uma diversidade de escolhas e soluções narrativas, deixando de ser apenas um depósito de fatos do passado. A memória se insere na retórica, supera o armazenamento de dados, e, assim, é possível se reconhecer sua dimensão criativa (MACIEL, 2013, p. 551). Além

disso, são assegurados a ela o valor de instrumento e objeto de poder, o que se relaciona com a recordação e a tradição, com sua capacidade de “conservar informações que podem servir ao ser humano, como forma de libertação” (MACIEL, 2013, p. 552). Para Maciel, as vertentes de criação e de poder, inerentes ao campo da memória, servem para se compreender sua natureza plural. E observar a produção de memórias no Brasil é “lidar com essa forma de elaboração humana em que o homem, textualizando e significando o real, também se significa e se reconhece” (MACIEL, 2013, p. 552).

Nesse sentido, no caso das memórias narradas por Augusto de Lima Júnior, observa-se que elas são elaboradas com elementos definidores de certa melancolia, saudosismo, nostalgia, ufanismo, religiosidade, os quais são realçados a partir de sua intrínseca relação com as paisagens de sua infância, como se observa no poema “Sinos”, publicado no livro *Canções do Tempo Antigo* (1966):

Sons de sinos que ouvi quando criança,
Soar, languidamente, em compassados,
Tristes dobres plangentes de finados,
De piedosa oração dando lembrança!
Cristalinos, vibrantes, repicados,
Toques alegres cheios de esperança!
Também a vós minha memória alcança,
Sinos de procissões e batizados.
Longe do velho pátrio campanário,
O coração gemendo de saudade,
Vou cumprindo sereno o meu fadário.
Quanta vês vos evoco nos meus sonhos,
Companheiros de infância e mocidade,
Velhos sinos, alegres ou tristonhos! (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 31)

Esse poema, escrito em primeira pessoa, foi publicado pelo autor nos anos finais de sua vida e evoca a memória dos sinos das igrejas católicas, tão marcantes na paisagem sonora das cidades históricas mineiras e que atravessam suas memórias de infância e juventude. O livro *Canções do Tempo Antigo* reúne vários poemas memorialísticos que o autor escreveu ao longo de sua vida e, em nota introdutória intitulada “Antes...”, Lima Júnior afirma que tais poemas foram escritos por ele e guardados por sua esposa, até que fossem reunidos e publicados na obra em questão, que a homenageia (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 3).

Já o romance *Mariana*, lançado pelas Escolas Profissionais Salesianas, de Niterói, em 1932, foi o quinto livro publicado por Lima Júnior, ainda na fase inicial de suas investidas narrativas sobre Minas. Antes dele, o autor publicou os seguintes títulos: *Dom*

Bosco e sua arte educativa, 1929; *A ilusão vermelha e a Rerum Novarum*, 1931; além dos romances *A cidade antiga*, 1931 – que é o único, entre estes, não diretamente vinculado a temáticas religiosas, posto que se trata de um livro sobre a cidade de Ouro Preto – e *Mansuetude*, que foi publicado no mesmo ano que *Mariana*, em 1932, pouco antes deste.

É possível se conjecturar a hipótese de que o romance sobre a primeira cidade mineira se configurou como uma espécie de ponto de virada na temática empreendida dentro do conjunto de obras do autor, pois, se o romance *Mariana* apresenta um mote relacionado à religiosidade católica, como suas obras anteriores, observa-se nele uma ênfase na representação da história e da memória da cidade mineira. E, a despeito do seu primeiro romance, *A cidade antiga*, já ter apresentado questões concernentes à cultura mineira, parece ter sido a partir de *Mariana* que o autor se firmou por esse eixo temático, entre memórias e histórias de Minas.

Após esta obra, Lima Júnior publicou um livro de ensaios históricos intitulado *Visões do passado*, em 1934. E, em 1935, lançou *Histórias e lendas*, no qual buscou ressaltar os aspectos históricos e lendários das tradições mineiras. Ainda em 1935 saiu o primeiro livro de poemas do autor, *Canções da Grupiara*, que versava sobre paisagens e memórias mineiras. O escritor lançaria mais um livro ainda no mesmo ano, *Soledade*, um romance que narra a história de um rapaz que saiu do interior de Minas e foi viver uma vida de venturas e desventuras na capital do país. E em 1936 foi publicado aquele que se tornaria seu romance mais conhecido, *O amor infeliz de Marília e Dirceu*, ambientado à época da Inconfidência Mineira.

Após essa fase compreendida entre os anos de 1929 e 1936, durante a qual o escritor começou por lançar livros sobre religiosidade católica e, na sequência, passou a se enveredar por narrativas literárias sobre algumas memórias e os costumes da terra mineira, observa-se que a partir de 1940, ano de lançamento de seu principal livro histórico, *A Capitania das Minas Gerais*, Lima Júnior esteve menos envolvido com a escrita ficcional do que com as pesquisas históricas sobre seu estado. Um grande número de livros historiográficos foi lançado a partir de então, ainda que tenha publicado dois livros memorialísticos já no final de sua vida, nos idos da década de 1960: a coletânea de crônicas *Quando os ipês florescem*, em 1965, e o livro de poesias *Canções do tempo*

antigo, em 1966. Na próxima seção será apresentado o romance *Mariana*, a partir da discussão sobre como a dimensão da memória se configura na obra.

3. *Mariana* e a memória que se buscou eternizar

O periódico carioca *Jornal do Commercio*, em uma crítica sobre o recém-lançado livro *Mariana*, evidencia em suas primeiras linhas uma certa dificuldade na definição do gênero da narrativa, ao advertir: “É um romance histórico, uma história romanceada, ou a própria história amenizada por um trecho ligeiro de romance. Cremos que a obra do Sr. Augusto de Lima Júnior deve ser incluída neste último modo” (JORNAL DO COMMERCIO, 28 de fevereiro de 1932, p. 3).¹³ Na sequência do texto, algumas considerações sobre o conteúdo da narrativa são reveladas através do olhar desse crítico anônimo do jornal. A passagem é longa, mas apresenta vários elementos que interessam neste estudo, além evidenciar uma das recepções que ela obteve quando publicada em 1932:

O autor [de Mariana] fez, sem dúvida, um trabalho de valor indiscutível e possui para o genero meritorias qualidades. Sabe observar, tem agudeza, senso da vida e da realidade, narra com facilidade e distribue, moderada e oportunamente, uma pequena dose de ironia, que não molesta e faz sorrir. Mas o que vale principalmente neste romance é o conhecimento perfeito que o autor possui da historia da cidade veneravel [...]. / É esta cidade, nesse seu aspecto tranquillo, com as velhas igrejas, as maravilhosas obras de talha, com seus conegos, suas intrigas, [...], mas tambem com suas tradições de virtude [...] que o Sr. Augusto de Lima Junior evoca neste romance, que prende, faz ler num trato, levando o leitor a viver no ambiente simples, edificante. [...] / A narrativa, por diante serve para dar ensejo às descrições historicas, ás visões de arte colonial, á encantadora analyse da vida dos clerigos [...] e outros episodios para avivar bem no leitor o ambiente dessa cidade severa, tradicional, ecclesiastica. [...] / No correr de toda essa magnifica evocação da tradicional cidade mineira, há uma ligeira intriga amorosa, tão tenue, que desaparece antes de findar a novella; seus jovens protagonistas, envolvidos pelo ambiente religioso, seguem, um para a vida sacerdotal e outro para o convento do Carmo. [...] / É a própria alma da cidade tradicional, religiosa, ecclesiastica, que o Sr. Augusto de Lima Junior, com o pretexto de uma historia de amor insignificante, evoca e faz palpitar nessas paginas delicadas e emotivas de onde reçuma um suave perfume de mysterio e devoção (JORNAL DO COMMERCIO, 28 fev. 1932, p. 3).

Para uma melhor compreensão dessa crítica, que anuncia um teor histórico e de costumes locais que sobressaem à “ligeira intriga amorosa”, é preciso voltar ao enredo de

¹³ Optou-se por utilizar neste artigo a grafia original em todas as citações de fonte documental.

Mariana. O romance utiliza como mote de sua trama uma matéria de extração histórica e da memória coletiva que se passou 10 anos antes na cidade: a morte de um bispo muito popular na comunidade e a chegada de outro prelado, que provocou mudanças nas tradições e nos costumes locais. Lima Júnior definiria décadas depois, no prefácio da segunda edição do romance, que sua intenção com a obra foi “fixar a vida da ilustre cidade, no instante das transformações que se seguiram à morte do grande Prelado que foi Dom Silvério Gomes Pimenta” (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 9).

Esse curioso fragmento do prefácio, menos do que revelar uma intenção colocada pelo autor sobre a obra, convida a olhar para o corpo da própria narrativa, que se assemelha a uma tentativa de fotografar o tempo, os costumes e os lugares da cidade. Uma narrativa que busca capturar um instante vivido, antes que ele se altere completamente e se perca após as transformações decorridas. Nesse sentido, o romance Mariana parece funcionar como um meio de eternização e suporte da memória. Uma escrita que seria não somente “medium de eternização”, mas também um “suporte da memória”, uma vez que a “escrita é, ao mesmo tempo, medium e metáfora da memória” (ASSMANN, 2011, p. 199).

O registro apresentado em Mariana é feito a partir de um enquadramento muito específico escolhido por seu autor, entre memórias que deveriam ser lembradas ou apagadas, junto a um conteúdo também inventado, dado o caráter ficcional da narrativa. Para compreender melhor essa questão, buscou-se o conceito de “lugares de memória” do historiador francês Pierre Nora (1993). Lugares que são materiais, simbólicos e funcionais, simultaneamente. E nos quais há restos de um passado, além da vontade e do artifício que ligariam tais vestígios ao tempo presente.

Nesse sentido, a “fixação” da vida na cidade num singular “instante”, à qual se refere Lima Júnior, parece ser contemplada por essa vontade de criar uma “cristalização” da memória coletiva por meio de artifícios nos lugares de memória que Nora destaca. “Aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações” (NORA, 1993, p. 9), a memória registrada em Mariana eterniza não apenas os eventos diretamente relacionados à morte e sucessão do prelado, mas também algumas lendas, edificações, costumes, causos da comunidade etc. Um material pertencente a uma memória que é coletiva, relacional e

marcadamente ligada a determinados grupos sociais. De acordo com Nora (1993, p. 9), a memória surge de um grupo que ela une, o que significa que “há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada.” Nesse sentido, é possível se observar que as memórias narradas em Mariana giram em torno da comunidade católica que havia na cidade à época e todo traço de vida descrito se relaciona de algum modo com a igreja e suas tradições, apagando-se qualquer vestígio de outras identidades e culturas locais.

Na intenção de guardar memórias locais, Lima Júnior articula à narrativa do romance alguns momentos curiosos vivenciados pela comunidade. Um exemplo escolhido para ser eternizado é o que narra o estranhamento causado com a chegada dos primeiros automóveis na interiorana cidade ainda no início do século XX. Em um fragmento específico, o narrador abre um diálogo entre dois personagens da comunidade que conversavam sobre o assunto, apresentando posturas diferentes sobre o caso:

Ficavam os dois velhos amigos, depois, a conversar, algum tempo, comentando as novidades da terra [...]. / A última novidade tinha sido o automóvel que chegara para D. Salesius, que nele agora percorria as obras que se faziam em todos os pontos da cidade sob suas vistas vigilantes.

- É bem macio o tal automóvel, dizia Monsenhor Jardim ao Cônego Jeremias. O do Nassif sacode muito mais. Depois, é todo fechadinho, de sorte que, em dia de chuva, é um arranjo. [...]

- Nessa é que não caio eu! Não sou homem mais para essas violências. Esses modernismos não vão comigo. Isso é bom para os moços, Monsenhor.

E o tempo ia-se passando nesses cavacos inocentes, banais, todas as manhãs e o dedinho de prosa dos dois velhos (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 118 e 119).

Um aspecto curioso, aliás, é que as pessoas que de fato viveram na cidade à época e que se tornaram personagens eternizadas no romance têm nele seus nomes “velados por pseudônimos”, nas palavras do autor, por ainda estarem vivos quando se torna pública a primeira edição do livro (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 9). Como é o caso do Monsenhor Jardim, que aparece no fragmento acima e é uma alusão a Monsenhor Horta, um membro do clero local bastante conhecido ainda nos dias de hoje na cidade, tanto por seus feitos na comunidade ainda em vida quanto por hoje dar nome a várias instituições filantrópicas. Contudo, tal ato adquire contorno um tanto cômico, porque, como se pode notar, os nomes são trocados sem muita intenção de preservar a identidade. Outro caso, para citar apenas mais um, é o de um historiador e também eclesiástico, Cônego Trindade, que é ao mesmo tempo personagem, Cônego Trinitas, e referência bibliográfica citada em meio ao texto, já que vários textos seus sobre a história de Mariana são incorporados ao romance para

narrar sobre a ocupação do território ou sobre alguns marcos de sua história.

Este último fato, inclusive, merece um olhar mais atento. Assim como foi destacado no fragmento crítico publicado pelo *Jornal do Commercio*, citado anteriormente, são incorporadas ao livro várias páginas de uma escrita narrativa sobre a história local. Uma narrativa que escapa ao eixo da trama romanesca e descreve a história da ocupação do território mineiro, ou a criação do bispado marianense, ou ainda a construção de algumas edificações religiosas. Mas, diante do desejo de narrar a história da cidade de Mariana e algumas memórias locais, Augusto de Lima Júnior – que foi também um historiador – escolheu para essa empreitada não diretamente a historiografia, mas o gênero literário, através da escrita de um romance.

Franco Moretti (2009) afirma que frequentemente os romances são histórias de aventuras e que é possível “reconhecer a história do romance sem o modernismo ou mesmo sem o realismo; sem aventuras em prosa, não” (MORETTI, 2009, p. 205, grifos nossos). Aventuras que são construídas especialmente com a mudança para novas geografias, onde há uma fronteira à vista, seja “do outro lado da ponte, dentro da floresta, montanha acima, através do portão, no mar” (MORETTI, 2009, p. 205). Ou, talvez seja possível acrescentar, os muros de um seminário. Como então Lima Júnior criaria um romance no qual o personagem principal seria uma cidade? Como se criar uma aventura nesta trama? É aí que desponta a trama central, que narra a história do personagem Eugênio, assunto que será discutido na sequência.

4. As descrições que revelam a cidade

Mariana narra em primeiro plano a história ficcional de Eugênio Harden, um jovem do Rio de Janeiro que após a morte de seus pais foi morar no interior de Minas, na cidade homônima, para ficar sob tutela de seu tio materno, Cônego Jeremias, no mesmo momento em que a cidade vivia um alvoroço causado pela morte de seu bispo, Dom Silvério, e as consequências da chegada de seu novo prelado. A primeira ideia do tio de Eugênio era conseguir, com auxílio de Dom Silvério, que ele ingressasse como aluno na Escola de Minas de Ouro Preto e encontrasse um trabalho na região. Com a morte do bispo, contudo, Cônego Jeremias não viu outra saída a não ser induzir o sobrinho a entrar

para o Seminário que havia na cidade, a fim de seguir carreira eclesiástica. Eugênio, moço vindo da capital do país, acostumado com uma vida cosmopolita, nada simpatizou por essa ideia, como é possível notar no seguinte fragmento:

À medida que se passavam os dias, e se aproximava a ocasião em que deveria ingressar no Seminário, crescia a angústia no coração de Eugênio, e uma acentuada cólera, se vinha formando contra as coisas religiosas. Embora a fé se mantivesse intacta, a ideia religiosa se lhe antolhava como causa daquele sofrimento que o vinha torturando desde que se positivara a perspectiva do enclausuramento nas paredes do pardieiro encravado no fundo do vale (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 107).

Eugênio se apaixonou por uma moça da cidade, Isaura, que por sua vez não nutria os mesmos sentimentos pelo rapaz, posto que sua maior vontade era entrar para um convento e se tornar uma noviça. Diante dessa tensão – de entrar ou não para o seminário, de conquistar ou não Isaura –, Eugênio percorria a cidade enquanto refletia sobre a decisão que precisava tomar: “E o tempo ia passando e Eugênio ajudava-o a passar, subindo e descendo ladeiras” (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 60). Será, portanto, através desses deslocamentos do personagem que a narrativa passará a revelar a cidade de Mariana numa descrição minuciosa, por vezes exaustiva.

Em “Introdução à análise estrutural da narrativa”, Roland Barthes (2001) sugere uma compreensão da narrativa através de sua divisão em unidades do nível funcional. Ele chama de núcleo, ou de função cardinal, o elemento central, aquele no qual uma ação a que ele se refira “abra (ou mantenha, ou feche) uma alternativa conseqüente para a continuação da história, enfim, que inaugure ou conclua uma incerteza.” No caso do romance Mariana, a história de Eugênio. Haveria, por outro lado, as expansões com relação ao núcleo, denominadas pelo autor de catálises, as quais buscariam preencher o espaço narrativo que separa as funções cardinais, aglomerando-se “em torno de um núcleo ou de outro, sem modificar-lhes a natureza alternativa”, o que as configuraria como unidades de menor importância dentro do texto (BARTHES, 2001, p. 119). Em Mariana: as descrições sobre a própria cidade, suas ruas, edificações, seus costumes, suas memórias, os capítulos dedicados a narrar a história local.

Barthes retoma o tema das catálises em outro texto seu, no qual lança um olhar mais focado ao que seria este “pormenor inútil” do tecido narrativo, observando que a singularidade da descrição designaria uma questão de grande importância para a análise estrutural da narrativa. Nesse sentido, o autor propõe que “tudo na narrativa, seria

significante”, e levanta a questão, caso subsistam “no sintagma narrativo alguns intervalos insignificantes, qual é, definitivamente, se assim se pode dizer, a significação dessa insignificância?” (BARTHES, 2012, p. 184).

Para responder a essa pergunta, o teórico discute sobre a função estética de busca ao “belo” que a descrição teve dentro da corrente retórica na Antiguidade. Dando um salto até Flaubert no século XIX, o autor destaca a minuciosa e realista descrição por meio da qual a cidade de Rouen é apresentada na obra *Madame Bovary*, a fim de mostrar o quanto essa finalidade estética da descrição ainda se mantinha forte. Segundo Barthes, a dimensão e o cuidado com o pormenor descritivo, através do qual a cidade é revelada na narrativa, poderia causar a impressão de uma grande importância dada ao objeto Rouen, mas que na verdade, embora ela não tenha contornos de uma simples atmosfera, ela não passaria de um “fundo destinado a receber as jóias de algumas metáforas raras, o excipiente neutro, prosaico, que veste a substância simbólica, como se, em Rouen, só importassem as figuras da retórica a que se presta a vista da cidade” (BARTHES, 2012, p. 185). No limite, que toda a descrição seria construída para fazer de Rouen uma pintura, havendo, portanto, um sentido que estaria ligado às regras culturais da representação.

Mas se a função descritiva do objeto Rouen seria o prazer estético, que sentido atribuir então a um aparentemente insignificante barômetro, que não possui nenhum apelo estético e que aparece em uma cena de outra obra flaubertiana (*Um coração simples*)? Essa é a pergunta motriz que abre e encerra este clássico ensaio de Roland Barthes. e para a qual ele apresenta a conclusão de que a significação deste detalhe aparentemente inútil na narrativa seria produzir um “efeito de real”, o que se configuraria como o substituto moderno da verossimilhança, qual seja, o realismo (BARTHES, 2012, p. 190).

Em “O fio perdido do romance”, Jacques Rancière (2017) problematiza a ideia de um efeito de real e extrapola o sentido da catálise barthiana. Barthes, para ele, pertence a uma tradição crítica do século XX que buscava denunciar nos escritores realistas do século XIX uma obstinação em coisificar e petrificar tudo, enquanto “estratégia de uma burguesia ameaçada pela práxis social e que desejava escapar de sua condenação transformando palavras, gestos e ações em pedra” (RANCIÈRE, 2017, p. 18).

Para Rancière, contudo, a singularidade das descrições do romance realista não seria a exibição das riquezas de um mundo burguês preocupado em afirmar sua

perenidade. Ela marcaria, na verdade, a ruptura da ordem representativa e do que era seu cerne, a “hierarquia da ação”, revelando a grande descoberta do século XIX de uma “capacidade até então inédita dos homens e das mulheres do povo de obter formas de experiência que lhes eram, até então, recusadas” (RANCIÈRE, 2017, p. 19). Nesse sentido, o tão famoso barômetro de *Um coração simples* ganharia um outro significado, o de revelar uma “democracia na literatura”.

A análise de Rancière, contudo, elaborada para dar conta de grandes romances, que se configuram como inesgotáveis fontes interpretativas, posto que grandes clássicos da literatura universal, não parece ser a mais viável para se compreender os “pormenores” narrativos do romance *Mariana*. Um sentido velado mais complexo não parece ser uma possibilidade neste caso. Tampouco as análises de Barthes sobre a cidade de Rouen (em *Madame Bovary*) – que revelaria uma função descritiva como meio de se proporcionar um prazer estético –, ou ainda sua análise sobre o aparentemente insignificante barômetro (de *Um coração simples*) – que teria o sentido de se proporcionar um “efeito de real” na narrativa – não parece dar conta das minuciosas descrições do romance de Lima Júnior. Assim, qual seria então o sentido das inúmeras descrições apresentadas em *Mariana*? Para se compreender melhor tal questão, é preciso voltar ao romance.

O fragmento a seguir, com a incansável descrição de um ambiente, cheio de pormenores aparentemente inúteis, como os quadros a óleo a mostrar um homem e uma mulher, talvez avós de Eugênio Harden, evidencia o olhar deste protagonista diante de uma casa que carrega características típicas das moradias da cidade à época:

Ficando a sós, sentou-se Eugênio numa cadeira de braços e pôs-se a reparar no aspecto da habitação que, bem a contragosto, ia compartilhar com o tio Cônego. / Um sobrado velho, carcomido, mal ataviado. / A sala assoalhada com largas tábuas firmadas por grosseiros pregos cujas cabeças se erguiam, fora do nível do chão; o forro de esteira, as paredes caiadas onde se penduravam velhas fotografias descoloridas, e dois quadros a óleo grosseiramente pintados com os retratos de um homem e de uma mulher, provavelmente seus avós. [...] / E enquanto corria o olhar, ia pensando em sua situação desde a morte de seu pai. [...] / E agora? Quanto tempo levaria ele a dar esse jeito? Quanto tempo seria obrigado a ficar naquela pasmaceira onde só se viam padres, velhas beatas e sinos e em lugar dos cheiros característicos da civilização, só sentiria os de incenso e velas de cera! / Levantou-se e foi até a janela. Correu os olhos sobre a cidade velha, desgraciosa, deserta e monologou: / - Horrível! Afinal de contas pode-se dizer que é um lugar onde em redor das numerosas igrejas se encontram algumas casas... (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 107).

Em outro momento da trama – que, do mesmo modo que o anterior, auxilia a

entender essa composição narrativa –, Eugênio escreve uma carta a um amigo do Rio, a fim de desabafar suas angústias:

Só posso te dizer de Mariana, que é uma cidade triste, e basta esse nome para entristecer a gente. Imagina sua paisagem: longas e abruptas cordilheiras [...]; campos arenosos [...]. Casas de rótulas, escuras e achapadas, sobradinhos mirrados, igrejas enormes e desertas, muros de pedra, muşgos onde se aquecem ao sol assustadas lagartixas... cidade morta... (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 91).

Eugênio continua sua saga pela cidade, a percorrer suas ladeiras e a tecer contato com a comunidade local, com seus costumes, suas memórias e histórias, a fim de tomar sua decisão de entrar ou não para o seminário. Até que ele resolve, enfim, ultrapassar os muros impostos e entrar para a instituição eclesiástica, ainda que a contragosto, mas com a permissão do novo bispo (que conhecia seu amor por Isaura e seu desejo de não se tornar padre), para sair assim que seu tio falecesse. O novo ambiente, contudo, revela-se a Eugênio de maneira instigante como um local de pessoas com buscas filosóficas, o que mudará suas convicções e acenderá nele, por fim, o desejo de se tornar um padre; não como seu velho tio, mas como o novo bispo local, Dom Salesius, que representava para ele o que havia de mais “moderno” dentro da Igreja Católica.

Eugênio se encontra. E, portanto, se acalma. O último capítulo, curiosamente intitulado “Um fim lógico” – evidenciando, ao que parece, que o desfecho da história do personagem já estava dado desde o início –, mostra este novo Eugênio partindo da cidade, após essa experiência transformadora acontecida em Mariana:

Eugênio recebera a ordem de partir para o Caraça a fim de iniciar o noviciado [...] / Estava, agora, satisfeito e tranquilo, não obstante a saudade dos amigos que conquistara. Padre Lázaro, em nome dos demais, levou-o até a estação onde o trem-de-ferro se preparava para a partida. / Lá se foi o comboio, a seguir a tortuosa via com que galga a serra circulando a cidade, agarrando-se à montanha, longo tempo deixando ver o casario branco em torno das igrejas. / Eugênio, da janela do carro, ia aproveitando os últimos instantes da visão da cidade (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 175, grifos nossos).

... aproveitando os últimos instantes da visão da cidade. Qual seria, então, essa “visão da cidade” levada por Eugênio, que tanto gosto lhe dava? Algo teria mudado em sua concepção (já que, como foi possível notar nos fragmentos anteriores nos quais ele descrevia a cidade, seu olhar a enxergava apenas como “velha”, “atrasada”, “desgraciosa”, “triste”, “morta”)? Sim, tudo mudou. Ou, no limite, mudou muito. Após a reviravolta interna dada em Eugênio, antes de sua partida, ele resolve encarar novamente a cidade de Mariana. Desta vez, não mais em contato direto com ela, mas do alto de um

de seus morros:

Do adro da igreja, [Eugênio] olhou a cidade que se estendia a seus pés, banhada pela luz solar da esplendorosa manhã. / O casario aconchegava-se às igrejas, protegendo-se junto delas, vivendo identificado com elas. / Eugênio viu a velha cidade dos Bispos e dos Cônegos, dos padres e dos seminaristas, sob seu aspecto real que ele antes desconhecera. Estava ali o coração de Minas, a capital espiritual da gente heroica das montanhas (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 172, grifos nossos).

Se a descrição de Mariana era antes dada por ambientes em ruínas, por moradias “velhas e carcomidas”, agora, após a transformação interna de Eugênio, a cidade passa a ser vista por um novo olhar, que revelaria “seu aspecto real”, através da “luz solar”. Se antes o que havia era um “amontoado de casas em volta de igrejas”, agora o casario “aconchegava-se” a elas. Primeira cidade de Minas, era ela seu “coração”. E seu maior valor seria, sobretudo, servir como “capital espiritual” dos mineiros.

Assim, a história de Eugênio Harden, colocada na trama como o núcleo, a aventura central em torno da qual se dará o romance, parece ser utilizada pelo autor como uma estratégia para compor o quadro do que seria a grande personagem na narrativa, que é a própria cidade de Mariana, que tem algumas de suas paisagens, costumes e memórias revelados por meio das minuciosas descrições apresentadas no decorrer do livro, através da relação direta entre as emoções de Eugênio e a paisagem local. A cidade não muda, o que muda é o íntimo do personagem e com isso seu olhar. Uma cidade que, à primeira vista, poderia ser encarada apenas como um lugar em ruínas, mas que ocultava um valor dentro da história de Minas, que seria o “valor espiritual” atribuído pelas convicções culturais do próprio autor. Daí tanta descrição de cenário, tantos capítulos sobre a história de Mariana, tantas memórias e costumes locais, que fazem a história do protagonista Eugênio se tornar diminuta em meio à narrativa.

5. Considerações finais

Em Mariana, nota-se uma escrita que busca eternizar algumas memórias locais, além de dar ênfase à história da cidade, por meio de um romance cheio de descrições minuciosas que se sobressaem à trama romanesca. A partir dos “lugares de memória” escolhidos para serem eternizados, a obra parece visar a cristalização de um momento – com suas palavras, cenários e ações –, a fim de reafirmar sua perenidade em meio às

mudanças sociais do contexto em questão. Trata-se de uma narrativa, portanto, que também se relaciona com o conjunto de obras de seu autor, que tinha por objetivo narrar certas memórias e paisagens mineiras, além de relacioná-las com suas próprias experiências e convicções culturais.

Submissão: janeiro de 2021

Aceite: maio de 2021

Referências:

- ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: A aventura semiológica. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 103-152.
- _____. O efeito de real. In: O rumor da língua. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 181-190.
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 36-49.
- FERREIRA, Camila K. R. A polêmica como patrimônio: Augusto de Lima Júnior e a Revista de História e Arte nos embates da política patrimonial (1930-1966). 2014. 215 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.
- FONSECA, Cláudia. Damasceno. O espaço urbano de Mariana: sua formação e suas representações. In: TERMO de Mariana: história e documentação. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 1998, p. 27-66.
- JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1932, p. 3.
- LIMA JÚNIOR, Augusto de. Quando os Ipês florescem. Belo Horizonte: Edição do autor, 1965.
- _____. Mariana. 2ª ed. Belo Horizonte: Edição do autor, 1966.
- _____. Canções do Tempo Antigo. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1966.
- _____. História de Nossa Senhora em Minas Gerais. Origens das principais invocações. Belo Horizonte: Autêntica; Editora PUC Minas, 2008.
- MACIEL, Sheila Dias. Sobre a tradição da escrita de memórias no Brasil. Letras de hoje, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 551-558, out./dez. 2013.
- MORETTI, Franco. O romance: história e teoria. Novos Estudos, São Paulo, n. 85, p. 205, nov. 2009.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- RANCIÈRE, Jacques. O fio perdido do romance. In: O fio perdido: ensaios sobre a ficção moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2017, p. 15-77.